



Artigo em defesa à Cabinda/Kambina do Batuque do Rio Grande do Sul
Por Charles Demétrio S da Silva (Hùngbónò Charles)

Ọ̀tìn
Por Bàbá Osvaldo Omotobàtálá

Ọ̀tìn, a deusa com quatro seios
Por Susanne Wenger (Àdùnní Olórìṣà)

Redação



Erick Wolff
Editor - Diretor



Dr. Roberto Tamelini Jr.
Jurídico

Conselho Editorial

Roberto Tamelini Junior
Joana D'arc Espindola

ISSN 2358-3320

Nossa capa



Imagem vulto divindade Ọ̀tìn
Créditos foto - Erick Wolff8 Oxalá

Nesta edição número 54, a Revista *Olórun* traz:

No primeiro editorial publicamos o artigo do professor Charles, em defesa da vertente religiosa *Cabinda/Kambina,* como parte integrante e legítima do Batuque do Rio Grande do Sul.

No segundo editorial, publicamos *Òtìn* de Bàbá Osvaldo Omotobàtálá, que narra a história desta divindade.

E no terceiro e ultimo editorial, publicamos outro artigo de *Òtìn*, a deusa com quatro seios, de Susanne Wenger (*Àdùnní Olórìsà*).

Boa Leitura.

Nesta edição número 54, a Revista *Olórun* traz:

No primeiro editorial publicamos o artigo do professor Charles, em defesa da vertente religiosa *Cabinda/Kambina,* como parte integrante e legítima do Batuque do Rio Grande do Sul.

No segundo editorial, publicamos *Òtìn* de Bàbá Osvaldo Omotobàtálá, que narra a história desta dividnade.

E no terceiro e ultimo editorial, publicamos outro artigo de *Òtìn*, a deusa com quatro seios, de Susanne Wenger (*Àdùnní Olórìsà*).

Boa Leitura.

ÍNDICE

Artigo em defesa à Cabinda/Kambina do Batuque do Rio Grande do Sul

Por Charles Demétrio S da Silva (*Hùngbónò* Charles) p. 06

Òtìn

Por Bàbá Osvaldo Omotobàtálá p. 24

Òtìn, a deusa com quatro seios

Por Susanne Wenger (*Àdùnní Olórìsà*) p. 32

ARTIGO EM DEFESA À CABINDA/KAMBINA DO BATUQUE DO RIO GRANDE DO SUL

Charles Demétrio S da Silva (*Hùngbónò* Charles)

Historiador, Professor e Pesquisador da cultura africana e afro-brasileira

12 de agosto de 2017

Resumo

O presente trabalho tem como principal objetivo a defesa da vertente religiosa *Cabinda/Kambina*[1], como parte integrante e legítima do Batuque do Rio Grande do Sul[2].

O proposito deste trabalho é contrapor uma publicação (Cabinda, qual é a origem da acepção Cabinda?) recentemente lançada via redes sociais e na internet, de que a vertente religiosa de *Cabinda/Kambina* seria uma invenção de seu fundador *Waldemar (Valdemar) Antônio dos Santos* e que não teria valor cultural e religioso, sendo assim, não podendo ser considerada uma forma de culto religioso afro-brasileiro. No decorrer deste artigo apontarei algumas inconsistências e falhas na

---

[1] Uma das questões abordadas no presente trabalho será a nomenclatura da vertente, se a mesma seria *Cabinda ou Kambina*.

[2] Forma religiosa implantada pelos africanos escravizados e seus descendentes no Estado do Rio Grande do Sul/Brasil, e que posteriormente foi introduzida em outros Estados brasileiros, bem como em países vizinhos tais como Argentina e Uruguai.

dada publicação, que nitidamente representa um ataque infundado a uma forma de culto, bem como a seus adeptos e ao seu fundador, o Sr. Waldemar Antônio dos Santos.

INTRODUÇÃO

Inicialmente precisamos compreender que o Batuque é a denominação dada ao culto das divindades de origem Ioruba – os Orixás – no Estado do Rio Grande do Sul e demais localidades para onde o culto foi levado, bem como saber que esta religião se subdivide em algumas vertentes que possuem semelhanças com algumas diferenças ritualísticas que as diferenciam entre si. Estas vertentes seriam: Oyó (e Oyó Igbomina), Jeje, Ijexá e Cabinda/Kambina, dentre outras (como por exemplo Jeje-Ijexá, referindo-se a fusão de duas modalidades – o Jeje e o Ijexá).

Nota-se que estamos falando de uma religião onde a cultura ioruba e culto de suas divindades – Os Orixás – são a base e a estrutura da mesma, com alguma ou outra influência dos denominamos "jejis[3]" e/ou de suas divindades voduns[4].

> "Batuque é uma forma genérica de denominar as religiões afro-brasileiras de culto aos Orixás, encontrada principalmente no estado do Rio Grande do Sul, Brasil, de onde sua diáspora se estendeu para outros estados e países vizinhos tais como Uruguai e Argentina. O batuque é fruto cremos que dos povos oriundos África de regiões onde hoje se situam Nigéria e o Benim. Aqui sendo adotado por povos que chegaram oriundos de outras regiões onde hoje se situam a Costa da Guiné.

---

[3] Denominação atribuída aos povos Gbé-falantes da região do antigo Reino de Danxomé (Daomé), que compreende hoje o território da República Popular do Benin, partes do Togo bem como da Nigéria.
[4] As divindades cultuadas pelos "jejis".

O culto, no Batuque, é feito exclusivamente aos orixás, sendo o Bará (Exu) o primeiro a ser homenageado antes de qualquer outro pois este é o orixá da comunicação, e encontra-se seu assentamento em todos os terreiros. Os principais orixás cultuados são: Bará, Ogum, Oiá-Iansã, Xangô, Ibeji (que tem seu ritual ligado ao culto de Xangô e Oxum), Odé, Otim, Oba, Osanha, Xapanã, Oxum, Iemanjá, Nanã, Oxalá e Orunmilá (ligado ao culto de Oxalá).

E há também divindades que nem todas nações cultuam como: Gama (ligada ao culto de Xapanã), Zína, Zambirá e Xanguín (qualidade rara de Bará). Apesar de considerarem muitas divindades Voduns, sabemos que os Ioruba já vieram cultuando estes Vodun que atualmente se encontram no Batuque como Orixás, assim como Johson registra em seu livro "*The History of the Yorubas*" pub em 1895, que Xapanã e outras divindades Vodun já eram cultuadas por eles. O Batuque possui centenas de casas e inúmeros praticantes e adeptos. (Alexandre Honorato Custódio)

Assim sendo podemos observar e constatar mediante análise do rito e dogmas do Batuque do Rio Grande do Sul, que se trata de uma religião descendente dos povos Iorubas, construída a partir da cultura dos mesmos.

O CONCEITO DE "NAÇÕES" NO CONTEXTO DA RELIGIOSIDADE AFRO-BRASILEIRA

Primeiramente precisamos entender o conceito político de nação que pode ser dado como um conjunto de indivíduos que compartilham o mesmo território, geralmente pertencentes ao mesmo grupo étnico, que têm em comum língua e costumes. No entanto, não são apenas esses fatos que a caracterizam.

Para formar uma nação, os indivíduos precisam ter o sentimento de coletividade, de pertencimento, para assim existir uma unidade, caracterizando uma nação. O Estado é uma forma política, adotada por um povo de mesma vontade política; já a nação existe sem necessariamente haver uma organização legal, apenas significa a

substância humana que o forma, atuando em seu nome e nos seus próprios interesses.

> Todas as nações religiosas afro-brasileiras, de todos os segmentos, nasceram no Brasil, são afro-brasileiras, não são africanas, não representam nenhum Estado ou Cidade africana, não praticam nenhum culto na forma tradicional africana mesmo que possuam nomes de cidades africanas em suas definições afro-sociais. É verdade que foram formadas por elementos de matrizes africanas aqui repensadas e reestruturadas, mas estas heranças culturais e religiosas não fazem de nenhuma nação de religião afro-brasileira uma nação pura africana... (Nações Religiosas Afro-brasileiras e Nações Políticas Africanas - ERICK WOLFF, página 2).

Concluímos, então, que àquilo que chamamos de *nação religiosa* não significa necessariamente um grupo ligado diretamente a uma localidade da África, mas sim de pessoas que se organizaram em torno de um culto, e a modalidade deste culto é que de fato determina uma nação afro-religiosa.

O CONCEITO DE "NAÇÃO" NOS CANDOMBLÉS DA BAHIA, Vivaldo da Costa Lima – Departamento da antropologia F.F.C.B. – Universidade Federal da Bahia, publicado em Afro-Ásia, 12, 1976, p. 65)

[...] ialorixá ANINHA, afirmava com orgulho: "Minha seita nagô é puro". E dizia isto no sentido de que a nação de sua seita, de seu terreiro, e que eram os padrões religiosos em que ela, desde menina, se formara, era nagô. Aí se deve entender nação-de-santo, nação-de-candomblé. Porque, no caso de ANINHA, ela mesma era se se sabia, etnicamente, descendente de africanos gruncis, um povo que ainda hoje habita as savanas do norte de Gana e ao sul do Alto-Volta e que nenhuma relação étnica ou histórica mantinha, com iorubas até o tráfico

negreiro. Do mesmo modo que a fala de mãe-de-santo do antigo terreiro jeje do Bogum, terreiro importante ao ponto de dar, como o do Gantois, seu nome a todo o bairro em que se situa – falando da história de sua casa, diz: "Tiana Jeje, mão-pequena daqui antes da finada Emiliana, tinha marca da tribo no rosto. Tiana veio do tempo de meu pai-de-santo. No tempo em que fiz o santo ainda foi com africano na casa. Já a finada Emiliana era crioula". E continua, saudosista: "A primeira mãe-de-santo era Ludovina, que era africana. Os terreiros de jeje já acabaram tudo, Carabetã, Campina de Bosquejã, Agomenã tudo..."

"Percebe-se que tanto a falecida ANINHA como a Vodunsi DONÉ RUNHÓ se nacionalizaram, por assim dizer, por meio do sistema de crenças dominante no grupo em que se integram. A nação, portanto, dos antigos africanos na Bahia foi aos poucos perdendo a sua conotação política para se transformar num conceito quase exclusivamente teológico. Nação passou a ser, desse modo, o

padrão ideológico e ritual dos terreiros do Candomblé da Bahia fundados por africanos angolas, congos, jejes, nagôs, - sacerdotes iniciados de seus antigos cultos, que souberam dar aos grupos que formaram a norma dos ritos e o corpo doutrinário que se vêm transmitindo através os tempos e a mudança nos tempos".

A VERTENTE RELIGIOSA DE CABINDA/KAMBINA

Em 1983, o escritor Paulo Tadeu, em sua obra intitulada "*Os Fundamentos Religiosos da Nação dos Orixás*", foi o primeiro a introduzir a ideia de uma cultura de origem banto no Batuque do Rio Grande do Sul, e que tal cultura se fazia presente na Nação Cabinda, dado que Cabinda é uma província situada no território de Angola, onde habitam os povos de origem banto.

No entanto, não há uma lógica em estabelecer uma relação entre nenhuma vertente do Batuque à cultura banto, visto que não temos como comprovar e nem observar influências significativas da cultura desses povos nos ritos religiosos do Batuque, que como já citado, é uma religião de culto aos Orixás iorubas.

Se algum "lado" ou ramificação do Batuque do Rio Grande do Sul fosse verdadeiramente de tradição banto, deveria cultuar Jinkisi (plural para Nkisi[4]) e não Orixás.

---

[4] Divindades cultuadas pelos povos de origem Banto, da atual região africana de Angola e Congo.

Muitos adeptos do batuque citam que "os antigos diziam *cambina* e não *cabinda*"; como registra o escritor e sacerdote de Batuque Erick Wolff em seu trabalho "*A Entronação do Aláààfin e sua conservação: a nação Kambina no Batuque Nàgó do R.S*":

> "Waldemar é o patrono da vertente Kambina. Segundo Tadeu (2008, p.31) teria nascido em 31 de agosto de 1883, em solo brasileiro, tendo morrido em 15 de setembro de 1935. Foi o fundador da vertente religiosa denominada Cabinda/Kambina, o qual fora iniciado no culto aos orixás por Gululu. " (disponível em http://www.olorun.com.br/documentos/kamuka-nago-kobi.pdf).

> [...] XANGÔ AGODÔ KAMUCÁ BARUÁLOFINA é o Orixá REI da Nação Religiosa Cabinda, praticada e cultuada no Estado do Rio Grande do Sul. Xangô é o nome do Orixá; AGODÔ é a classe deste Orixá; KAMUCÁ é o nome deste Orixá Rei que foi assentado para o Babalorixá REI, WALDEMAR ANTONIO DOS SANTOS;

BARUÁLOFINA é o sobrenome deste Orixá REI da Nação Religiosa de Cabinda [...] (Tadeu, p. 59)

[...] Waldemar foi operário de construção civil. Ele era filho de Sàngó Agodô. Ao falecer, ele deixara uma filha de religião pronta1. A sacerdotisa Maria Madalena Aurélio de Òsùn, foi ela quem finalmente aprontou Bàbá Romário de Òòsàálá e Palmira Torres de Òsùn Pandá Olobomí, entre outros [...] (Informação pessoal do Babalorixá e professor Denis de *Odé*).

E. Cambíni ou cambína.

É um lado, pelo que sei, com poucos templos, igualmente, em relação aos outros, embora em maior proporção do que o nagô. Talvez haja cerca de cinco chefes auto-denominados de cambíni. E mesmo assim, inserem, apenas, elementos desta origem em meio aos de jexá, que domina o ritual.

Segundo Ayrton do Xangô, quem trouxe o cambíni para Porto Alegre, foi o Gululú, um africano que morava no antigo Beco do Poço, e falava português muito mal. Pertencem, hoje, ao cambína os pais-de-santo Romário do Oxalá e um filho-de-santo seu, Luiz da Oxum. Na linhagem ritual que vai deste último ao Gululú temos a Madalena, mãe-de-santo do Romário, e o Valdemar do Xangô, pai-de-santo desta e filho-de-santo do africano.

Conforme o Luiz da Oxum, a maioria dos elementos do ritual – orixás, comidas – são idênticos aos do jexá. Há algumas diferenças nos números míticos que cada um tem: o Ogum, 5 (enquanto nas outras modalidades, 7); Odé 13 (e 7); Ossãe 11 (e 7) e Iemanjá, 9 (e 8).

O babaláu Miguel do Xangô vê muitas semelhanças e poucas diferenças entre este lado e o seu, (jêje-jexá). Uma das diferenças que assinala é no culto ao Léba, um orixá que cuida dos fundos do templo. Segundo o Miguel, faz-se um buraco e ele é sentado (fixado ritualmente) num cutá (pedra sagrada) lá em baixo, sob a terra, onde recebe sacrifícios de animais. Após a matança, feita de 4 em 4 ou 7 em 7 anos, acendem-se velas e fecha-se o buraco. De minha parte, noto diferenças no ritmo e modo de bater o tambor, cujas características lembram as da capoeira da Bahia.

F. Oiá e maçambique.

Ouvi apenas um único depoimento falando destas modalidades, o do pai-de-santo João do Xapanã, sobre o qual me baseio. Ele comenta que seu pai-de-santo, Osébio (Eusébio?), filho de "minos", nascera em Cangussu e depois fora morar em Pelotas, onde abrira um templo. No templo havia os (sic) "iaós" (ter-

Extrato do livro: O BATUQUE DO RIO GRANDE DO SUL, de Norton F. Correa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao escrever este artigo, buscou-se explicar e demonstrar através de fontes e fatos históricos que a publicação "Qual a origem da acepção Cabinda", divulgada na página do facebook em 10 de junho de 2017, de autoria do professor Julio César Ferro, em que o mesmo cita ser "comprovável através de documentos", de forma agressiva, usando argumentos inconsistentes e meias verdades, atacou não somente a nação religiosa de Cabinda/Kambina, mas o Batuque do Rio Grande do Sul como um todo, não pode ser considerada uma pesquisa ou um artigo de espécie acadêmica, pois o mesmo não está bem fundamentado, sendo que usa argumentos superficiais, uma linguagem excessivamente agressiva, na qual o autor impõe seu ponto de vista e professa um discurso de ódio sobre os adeptos da vertente de Cabinda/Kambina.

Os argumentos usados pelo professor para questionar a religiosidade da nação Cabinda/Kambina, como o significado de "nação", a suposta "não-feitura" de Waldemar dos Santos e o culto misto Divindade/Caboclo, não são argumentos válidos e/ou concretos, visto que, a ideia de nação política não é a mesma de nação afro-religiosa.

Waldemar, segundo testemunhas e relatos orais fora iniciado por Gululu, que era sacerdote de Nação Oyó, e logo após Waldemar introduziu a ideia de Kambina estabelecendo uma relação com o culto aos ancestrais.

REFERÊNCIAS:

CARNEIRO, Edson. "Negros Bantos", 1937.

CUSTODIO, Alexandre. Internet. "O Batuque do Rio Grande do Sul – Uma religião de Orixás". Acessado em 10/08/2017. Disponível em: https://ocandomble.com/2016/10/26/o-batuque-do-rio-grande-do-sul-uma-religiao-de-orixas/

FERRETTI, Sergio. "Querebetan de Zomadonu", 1996.

FERRO, Júlio Cesar. Internet, Facebook. "Qual a origem da acepção Cabinda". Extrato disponível na Biblioteca Orixás. Acessado em 10/08/2017. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B0QWMww0gZVYUmMtcXBTNUYxN1k/view?usp=sharing

MUSEU AFRO-DIGITAL MARANHÃO. Internet. "Casa de Nagô". Acessado em10/08/2017. Disponível em: http://www.museuafro.ufma.br/site/index.php/casa-de-nago/nago/

WOLFF, Erick. Internet. "Nações Religiosas Afro-brasileiras e Nações Políticas Africanas". Acessado em 10/08/2017. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B7oGeEZgb95gRE5sU1Y5RHAwWTA/view>.

WOLFF, Erick. Internet. "A Entronização do Aláààfin e sua conservação: a nação Kambina no Batuque Nàgó do R.S". Acessado em 10/08/2017. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B0QWMww0gZVYc1lmck1oVVZPTWM/view

ÒTÌN

Por Baba Osvaldo Omotobàtálá

01/03/2017

FACEBOOK

Òrìsà femenino cuya función principal en la tierra yoruba es la defensa contra los enemigos y los males en general, también provee hijos, salud, prosperidad, abundancia y larga vida. Ọtìn como la mayoría de los Òrìsà posee su lado histórico como personaje que vivió en el mundo y su lado divino.

Como personaje histórico, Òtìn fue una mujer guerrera descendiente de cazadores, nacida en el pueblo de Otan, que se fue al pueblo de Okuku a batallar durante un período en que sus pobladores tenían constantes guerras con sus vecinos los Ijesa. Òtìn, junto con otros dos guerreros cazadores del lugar, llamados Agbona y Oloku, ideó un plan para evitar que el pueblo fuera invadido. Luego de algunos ataques por parte del enemigo, éstos se convencieron de que era imposible vencerlos, razón por la cual decidieron desistir.

Después de que Òtìn logró su objetivo defendiendo a Okuku, regresó a su pueblo natal. Los pobladores le rogaron que no se marchara, pero ella se reusó diciendo que

sólo regresaría a Okuku cuando existiera un hombre que fuera merecedor de ser su esposo. Poco tiempo después murió Agbona y Erinle fue quien le sucedió como líder de los cazadores.

Erinle se hizo muy famoso en Okuku por su valentía y destreza como cazador y guerrero, él era también conocido como "Ode Dúdú" (el cazador oscuro) debido al hecho de merodear en la oscuridad de la noche como vigilante de los límites del pueblo, en caso de que el enemigo quisiera volver a atacar.

La fama de Erinle llegó hasta el pueblo de Òtìn, ella muy curiosa e intrigada, regresó a Okuku para conocer a Erinle y sus proezas. Convencida de que era el indicado, se casó con él. Ella vivió algún tiempo con su marido, a quien acompañaba en la lucha. Sin embargo, después se terminaron peleando y ella se fue. Es entonces que la historia da paso al mito, ya que según la tradición oral, ella se transforma en un río a la salida del pueblo. El río fue nombrado "Òtìn" en su homenaje y con su cauce, se

dice que Otin continuó protegiendo al pueblo de los ataques de los enemigos y esto hizo que empezara su culto como divinidad.

El culto a Ò̱tìn, muy ligado al culto de Erinle, se extiendió al principio a algunos poblados cercanos a Okuku y luego a otras partes de la tierra yoruba. Lugares como Igbaye, Inisa, Eko-Ende (Eko-Eyinde), Iragbiji, Ilobuu, Ijabe, Eko-Ajala, entre otros cercanos a Okuku y al río Ò̱tìn, tienen festivales anuales en su homenaje, donde una "arugba" carga la "calabaza de Otin" sobre su cabeza en procesión, junto con la sacerdotiza principal de Otin, cuyo título es "Iyangba", y el "Aworo Ò̱tìn" (sacerdote masculino). En la mayoría de los lugares de culto a esta òrìs̱à en la tierra yoruba, se inician personas para Ò̱tìn y la òrìs̱à se manifiesta a través del trance.

Generalmente, Ọ̀tìn en los templos está acompañada de su marido Erinle, quien muchas veces es simplemente llamado "Ọdẹ" (haciendo referencia al apodo "Ode dúdú"), el río Ọ̀tìn es tributario del río Erinle, los pobladores de la zona rinden culto a ambos.

Existe también alguna referencia sobre que Otin podría haberse casado con Obedu, que es otro òrìṣà ligado a la caza, con amplios poderes en "medicinas mágicas" originario de Ile-Ife, pero cuyo culto realmente como divinidad empezó en Oba-Ile, donde tiene su festejo anual y es el principal pueblo donde se le rinde culto hasta hoy en día. Allí se dice que Obedu era muy poderoso y fue consejero del propio Oduduwa. Sin embargo, sobre esta hipótesis cabe señalar que en Oba Ile no hay referencias sobre el hecho de que Obedu fuera marido de Ọ̀tìn, además de que el río Ọ̀tìn y el pueblo Okuku, están situados a una distancia muy considerable de Oba Ile.

Por otra parte, tomando como referencia la historia de Okuku, todo comienza cuando Oladile, fundó un pueblo llamado "Iko-Ikin", devido a que en el lugar habían palmeras de las que colgaban nueces de ikin, más tarde el nombre terminó transformándose en "Kookin", según los datos históricos, el pueblo Kookin fue atacado y destruído por los enemigos en 1760, Oladile con su gente se transladó unos kilometros hacia el norte, para fundar el pueblo de Okuku.

Después de varios años de tranquilidad, los enemigos empiezan a atacarlos. Aquí es donde aparece Otin, que viaja a Okuku para ayudar a los pobladores contra los enemigos.

Teniendo esta referencia, podemos situar a Ọ̀tìn después de 1760 históricamente, mientras que Obedu que ayudó a Oduyale (hijo de Oduduwa según al tradición de Oba Ile) a fundar el pueblo de Oba-Ile, históricamente vivió en la época de Oduduwa, varios siglos antes que Ọ̀tìn. Esto no significa igualmente, que pueda existir alguna

referencia mitológica, donde como divinidades, Obedu pueda ser considerado también marido de Òtìn.

Òtìn como divinidad es considerada "reina de Okuku" y Erinle "rey de las aguas". Las tapas de las vasijas llamadas "awo ota erinle", que contienen los atributos de este òrìsà, son hechas casi siempre con esculturas de bustos (generalmente femeninos) en forma cónica que recuerdan una corona yoruba. Muchas de las esculturas de las tapas de las vasijas, están basadas en representar a la esposa de Erinle, la reina Òtìn, quien muchas veces va cargando niños en sus brazos y espalda.

---

https://www.facebook.com/babaosvaldo.omotobatala.7/posts/1837138279842284


Casa
HOPE
APOIO À
CRIANÇA COM CÂNCER

Ọ̀TÌN, A DEUSA COM QUATRO SEIOS

Por Susanne Wenger (*Àdùnní Olórìṣà*).

Tradução de Roger Vinícius Santos Celestini.

Ioruba de Hérick Lechinski

A origem do rio *Òtìn* encontra-se na floresta próxima à cidade de *Ekoende*. A fonte em si é pequena, mas seu volume aumenta notavelmente rápido. Ali, na fonte estão as quatro rochas-seios da Deusa *Òtìn*. Ela era uma linda princesa, que nasceu com quatro seios.

Quando ela cresceu, seu nobre pai continuou a recusar todos os pretendentes dela, temendo o constrangimento que poderia acontecer quando a anomalia da menina fosse descoberta.

Quando ela finalmente caiu de amores por um belo caçador, e insistiu em seguir com ele como sua esposa, seu pai permitiu com a condição de que ele nunca tentaria olhar seu corpo nu. O caçador, por sua vez, solicitou que ela jurasse nunca olhar suas medicinas sagradas (magias).

Eles viveram felizes por algum tempo. Até que uma vez, quando ele estava ausente, em uma de suas expedições de caça, densas nuvens de chuva vieram seguidas por uma tempestade.

O caçador havia espalhado seus itens herbais, acomodando seu amuleto secreto para secarem no telhado. Esquecendo seus acordos mútuos, ela num ato de gentileza apressou-se para recolher os bens preciosos do seu marido. No mesmo instante o homem chegara em casa e a viu manipulando suas ervas medicinais.

Enfurecido, ele a despiu e viu seus quatro seios. Ele praguejou-a e, totalmente miserável, ela transformou-se em um rio, deixando seus quatro seios para trás. Até hoje, maldições e pragas contra *Òtìn* voltam-se contra quem as tenha proferido.

Raiva conduziu o caçador às profundezas da terra, de onde ele sai para caçar ou lutar em defesa de seus seguidores (na cidade de *Obà*). Ele é atualmente a Divindade *Obèdú*.

No festival anual de *Òtìn* em *Òsogbo*, a alta sacerdotisa dança com um grande pote em sua cabeça até que a Deusa desça (incorpore) sobre ela. Pouco antes dela cair em um transe oracular profundo, ela quebra o pote fragmentando-o em muitos pedaços, pelos

quais os devotos competem em uma luta teatral. Eles depositam esses pedaços em seus altares para a Deusa, de onde os favores da mesma, filhos, emana para eles.

Os ritmos da percussão para *Òtìn* caçoam dela repetindo os mesmos padrões até a exaustão. A percussão pergunta-a se ela pensa que ela é o único *Òrìsà*, por causa de seus poderes profundamente extasiantes, conhecidos de todos que já participaram de seus rituais.

O mito de *Òtìn* em toda sua sagacidade, dissuade a mente inconsciente de lidar com o íntimo de nós mesmos e dos outros sem a preparação ritualística necessária.

https://www.facebook.com/nascentedebeleza

Iorubá de Hérick Lechinski.

https://www.facebook.com/babaagunbiade

Transcrição e adaptação: Luiz L. Marins - www.luizlmarins.com.br


Olórun